

## PASSEIO PÚBLICO

28 MINUTOS COM

# JOHN CLEESE

## “NÃO SE PODE FAZER RIR INFLIGINDO DOR”

O ATOR BRITÂNICO ESCREVEU UMA AUTOBIOGRAFIA COM MAIS DE 400 PÁGINAS. AOS 75 ANOS, CONTINUA CHEIO DE HUMOR E PROJETOS

## ENTREVISTA KATYA DELIMBEUF

O sotaque britânico é inconfundível. John Cleese, o comediante de 1,96 m que entrou na história do humor com as séries “Monty Python” e “Fawlty Towers”, está do outro lado do ecrã. A entrevista, feita por videoconferência, tem por pretexto a autobiografia “Ora, como eu dizia...” — que em Portugal tem prefácio de Ricardo Araújo Pereira (apesar de o próprio Cleese não saber...). Falou-se de psicoterapia, da mãe, da infância como filho único, de mulheres. E do facto de o seu verdadeiro apelido ser “Cheese” (queijo), e não Cleese.

**Gostou de escrever a sua autobiografia? Quanto tempo levou?**

Demorei 16 meses. Gosto mais de escrever do que de tudo o resto. Gosto do processo — começa-se quando se quer, termina-se quando se quer. Gosto desse controlo sobre a minha vida. Foi uma experiência tão agradável que vou repeti-la. Mas por enquanto vou descansar um bocadinho, para ter a certeza que estou ‘fresco’ para escrever.

**O próximo livro será sobre quê?**

Sobre as coisas óbvias, como os Monty Python, de que este livro apenas ‘arranha’ a superfície. Foi um período muito rico, ocupado e variado, que também inclui a série “Fawlty Towers”.

**Afirmou que os Monty Python não seriam possíveis hoje em dia? Porquê?**

Ninguém arriscaria, na televisão britânica de hoje. Aquilo que o Michael Mills fez, em 1969, seria impossível. Quando fomos ao seu escritório e ele perguntou o que íamos fazer, a nossa resposta foi: “Não sabemos.” Ele contratou-nos mais como escritores que sabiam atuar do que como atores que sabiam escrever. E aceitou isso. Hoje, seria impossível — não só porque tudo custa mais, mas também porque as pessoas estão mais ansiosas, querem controlar tudo, querem saber exatamente com o que podem contar — independentemente de o material ser bom ou mau.

**Tinham noção de quão revolucionário era o humor dos Monty Python?**

Eu não diria ‘revolucionário’, porque isso dá-lhe um peso que nenhum de nós lhe dava na altura. Queríamos fazer coisas diferentes e fugir dos clichés. Do convencional, que era aborrecido. Era quase uma reação.

**Hoje em dia, acompanha o humor que se faz pelo mundo?**

Não muito. Não vivemos num tempo de grande comédia. A maioria dos que vão ao cinema nos EUA são homens jovens, dos 14 aos 23 anos, que não sabem nada. E não têm qualquer curiosidade sobre o mundo. Uma ‘piada à Monty Python’ não seria percebida, porque não conheceriam o referencial. Mas a verdade é que, à noite, depois de jantar, o que me apetece é ler, não é ver televisão.

**Quando percebeu que tinha sentido de humor? Na escola, para sobreviver ao bullying?**

Acho que sim. Não me integrava bem. Mas quando fazia a turma rir, sentia um certo afeto em relação a mim. Não sei se foi intencional ou se foi uma manobra de sobrevivência, mas ao fim de um tempo, fazer os outros rir levava a que também eu me sentisse bem.

**Dedica este livro ao seu pai e “ao Peixe” — a sua quarta, e atual, mulher. Porque lhe chama assim? [John Cleese casou-se em 2012 com Jennifer Wade, uma joalheira com menos 30 anos que ele, depois de um divórcio multimilionário que o obrigou, aos 70 anos, a voltar às digressões mundiais].**

Porque vê-la nadar é lindíssimo. Ela nada de um lado para o outro, e ao fim de 45 minutos sai da piscina sem a mínima falta de fôlego. É óbvio que ela sabe respirar debaixo de água.

**Porque não incluiu a sua mãe na dedicatória do livro? Por causa da natureza da sua relação com ela?**

Sim, a minha relação com a minha mãe foi sempre difícil. O facto de ela ter vivido até aos 101 anos deu-me muito tempo para lidar com os seus problemas. Tinha muita raiva contida. Ela era uma mulher difícil do ponto de vista emocional, mas boa mãe do ponto de vista material. Era tão ansiosa... Ficava muito zangada se as coisas, por ínfimas que fossem, não corriam como ela queria. Passou muito tempo deprimida. Disse-me uma vez: “A verdade é que não gosto da minha própria companhia.” Eu sou o oposto: gosto da minha companhia. O “Peixe” e eu, e os nossos três gatos, podemos passar um fim de semana inteiro no nosso apartamento sem fazer nada de especial... E é um fim de semana perfeito. Vou dar-lhe uma novidade: vamos ter um acrescento à família: um quarto gato.

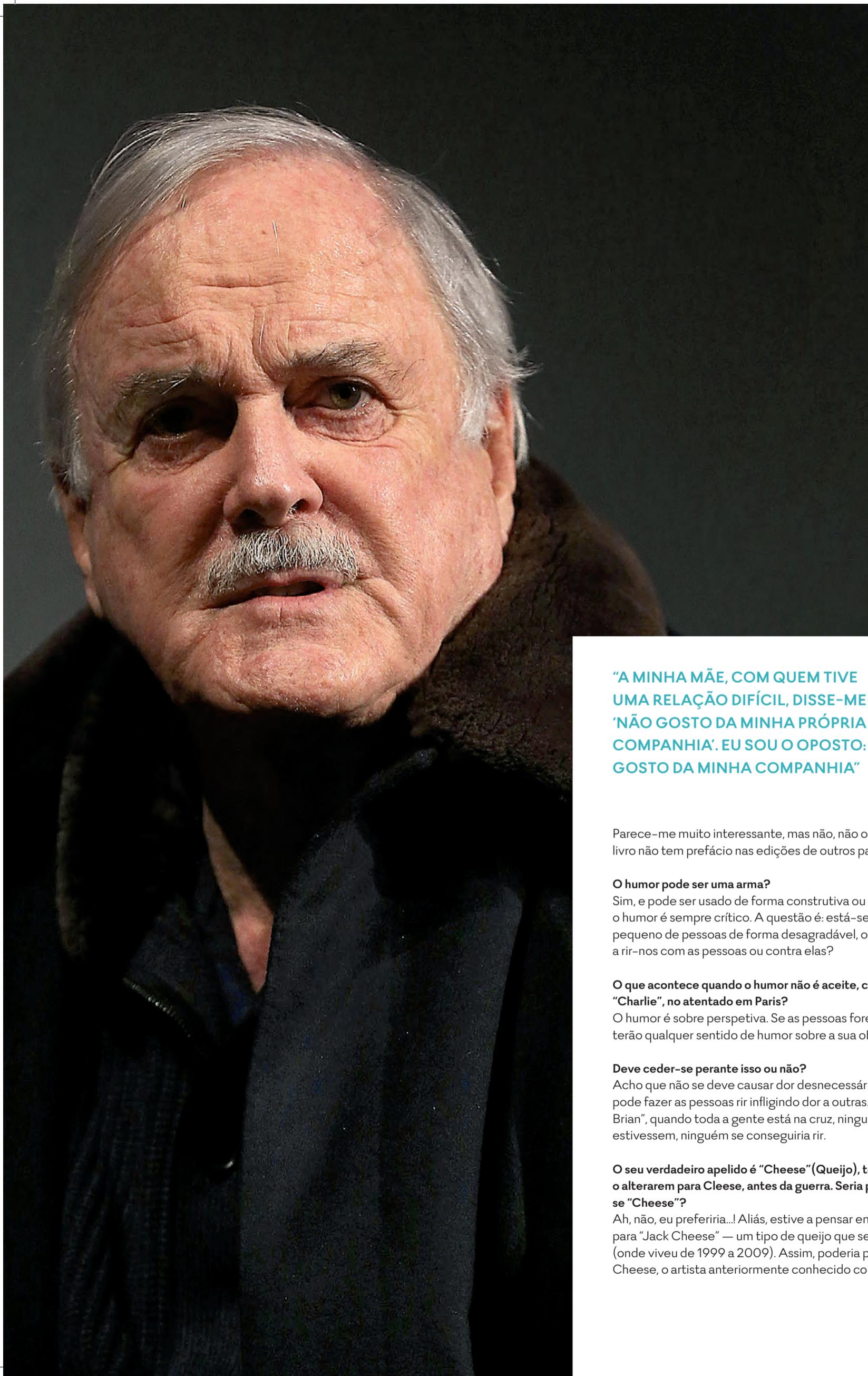
**Casou-se quatro vezes. Essa diversidade deve-se à relação complicada entre o seu pai e a sua mãe?**

Estou certo de que sim. Se a primeira mulher da nossa vida, a nossa mãe, tem muitas mudanças de humor, passamos muito tempo a tentar perceber qual a ‘previsão do estado do tempo’... Aprende-se a observar com muita atenção. Esse ambiente de medo, de ter cautela para não detonar a bomba, fez com que a minha atitude com as mulheres fosse muito cautelosa... Era-me difícil ser eu próprio.

**Fez psicoterapia durante muitos anos e escreveu dois livros de autoajuda. Deve conhecer-se bastante bem. Houve momentos da sua vida para os quais não conseguiu olhar com sentido de humor?**

Nos momentos de maior dor, perdi a capacidade de ter sentido de humor. Perde-se perspectiva e esquecemos que a maior parte das coisas não interessa. Quando as emoções tomam conta de nós tornamo-nos difíceis. O psiquiatra com quem escrevi os livros de autoajuda dizia que “quando não conseguimos controlar as nossas emoções, tentamos controlar os comportamentos dos outros”. Isso é muito verdade em relação à minha mãe.

**Na versão portuguesa do seu livro, o prefácio é escrito por Ricardo Araújo Pereira, um humorista muito conhecido, bastante “monty-pythoniano”. Conhece-o?**



**“A MINHA MÃE, COM QUEM TIVE  
UMA RELAÇÃO DIFÍCIL, DISSE-ME UMA VEZ:  
‘NÃO GOSTO DA MINHA PRÓPRIA  
COMPANHIA’. EU SOU O OPOSTO:  
GOSTO DA MINHA COMPANHIA”**

Parece-me muito interessante, mas não, não o conheço. Aliás, o meu livro não tem prefácio nas edições de outros países.

**O humor pode ser uma arma?**

Sim, e pode ser usado de forma construtiva ou destrutiva. Basicamente, o humor é sempre crítico. A questão é: está-se a criticar um grupo pequeno de pessoas de forma desagradável, ou um indivíduo? Estamos a rir-nos com as pessoas ou contra elas?

**O que acontece quando o humor não é aceite, como aconteceu no caso “Charlie”, no atentado em Paris?**

O humor é sobre perspetiva. Se as pessoas forem muito obcecadas, não terão qualquer sentido de humor sobre a sua obsessão.

**Deve ceder-se perante isso ou não?**

Acho que não se deve causar dor desnecessária às pessoas. Não se pode fazer as pessoas rir infligindo dor a outras. No fim de “A Vida de Brian”, quando toda a gente está na cruz, ninguém está a sofrer. Se estivessem, ninguém se conseguiria rir.

**O seu verdadeiro apelido é “Cheese” (Queijo), tendo o seu pai pedido para o alterarem para Cleese, antes da guerra. Seria piroso (“cheesy”) chamar-se “Cheese”?**

Ah, não, eu preferiria...! Aliás, estive a pensar em mudar o meu nome para “Jack Cheese” — um tipo de queijo que se vende na Califórnia (onde viveu de 1999 a 2009). Assim, poderia passar a chamar-me “Jack Cheese, o artista anteriormente conhecido como John Cleese”. ●